

Vol. 4, Tomos 1-11

1958

REVISTA BRASILEIRA
DE
FILOLOGIA

NÚMERO COMEMORATIVO DO
JUBILEU DA LIVRARIA ACADIMICA
DEDICADO AO
CENTENÁRIO DE NASCIMENTO
DE

JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS
(1858 - 1941)

LIVRARIA ACADIMICA
RIO DE JANEIRO

REVISTA BRASILEIRA DE FILOGIA

Diretor: Dr. SERAFIM DA SILVA NETO

Prof. Catedrático de Filologia Romanica da Universidad-e do Brasil
e da Pontificia Universidade Católica

A revista é publicada em dois tomos anuais, que formarão um volume com
cerca de 300 páginas.

Preço de cada tomo:

Brasil	Cr\$ 120,00
Portugal, Espanha e Américas	Cr\$ 130,00
Outros países	Cr\$ 140,00

Toda a correspondência relativa à Reda ao
deve ser dirigida ao diretor da Revista:
Rua Miguel Couto, 49 - Rio de Janeiro

LIVRARIA ACADi:MICA

49, Rua Miguel Couto, 49,
RIO DE JANEIRO

REVISTA BRASILEIRA

DE

FILOLOGIA

REVISTA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Director: SERAFIM DA SILVA NETO

LIVRARIA ACADtMICA

Rua Miguel Couto, 49

RIO

INDICES

ARTIGOS

Serafim da Silva Neto - <i>Explicação</i>	9
F. Krüger - <i>Un Problema Etimológico Gallego-portugués; paranho-parranheiro-parrumeira</i>	11
Wilhelm Giese - <i>Sobrevivencias de Cultura Portuguesa no Norte da África</i>	19
I. S. Révah - <i>Menasseh Ben Israel et "Ropicapnefma" de João de Barros</i>	25
I. S. Révah - <i>Une Piste pour l'Identification de Diogo Gressolz Tinoco?</i>	29
Bernard Pottier - <i>Les Démonstratifs Portugais</i>	33
Heinrich A. W. B. - <i>Algumas Notas sobre a Pesca e o Pescador num trecho do Litoral Sul-brasileiro</i>	37
António de Pádua - <i>Notas de Estilística</i>	75
Evanildo Bechara - <i>Considerações sobre duas Estâncias de os Lusíadas</i>	85
A. G. Cunha - <i>A Cronologia do Vocabulário Portugues, III</i> ..	99
Zdeněk Hampejs - <i>Estado de los Trabajos de Geografía Lingüística en los Países Románicos</i>	111
Hélcio Martins - <i>Um Capítulo da Sintaxe de Pedro Salinas: As Apópsifões Intersintagmáticas</i>	137
Othon Moacyr Garcia - <i>A Janela e a Pausagem na Obra de Augusto Meyer</i>	145

RECENSOES CRÍTICAS

<i>Livro de Solilóquio de Sancto Agostinho</i> - Ed. Crítica e Glossário por Maria Adelaide Valle Cintra (Albino de Bem Veiga)	171
Serafim da Silva Neto - <i>Manual de Filología Portuguesa</i> - (Maximiano de Carvalho e Silva)	180
Manuel Alvar - <i>Atlas Lingüístico de Andalucía</i> - (José Pedro Rana)	200
José Vicente Solá - <i>Diccionario de Regionalismos de Salta</i> - (José Pedro Rana)	204

Adolfo Caminha - <i>Bom Crioulo</i> - (3. ^a ed. feita de acordo com a 1. ^a revista e anotada pelo Prof. Adriano da Gama Kury) - (Emanuel Pereira Filho)	207
Eugenio Coseriu - <i>Contribuciones a los Debates del VIII Congreso Internacional de los Lingüistas</i> - (Sílvia Elia) ..	219
Serafim da Silva Neto - <i>História do Latim Vulgar</i> - (Sílvia Elia)	226
Leodegário Amarante de Azevedo Filho - <i>Didática Especial do Português</i> - (Sílvia Elia)	235
Serafim da Silva Neto - <i>História da Língua Portuguesa</i> - (Sílvia Elia)	239
Eugenio Coseriu - <i>Sincronía, Diacronía e Historia</i> - (Sílvia Elia)	241
Sérgio Buarque de Holanda - <i>Caminhos e Fronteiras</i> - (M. Cavalcanti Proença)	259
Barbosa Lima Sobrinho - <i>A Língua Portuguesa e a Unidade do Brasil</i> - (Rosalvo do Valle}	271
M. Bandeira - <i>Poesía e Prosa - Vol. I</i> - (Orlando Leal Carneiro)	278

NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS

IX Congresso Internacional de Lingüística Romanica	285
I Simpósio de Filologia Romanica	288
I Congresso Brasileiro de Etnografia e Dialectologia	288
Jubileu da LIVRARIA ACADÉMICA	290
Homenagem a Serafim da Silva Neto	290

nura por Portugal, onde nunca se sentiu um estranho e de onde sempre voltou com os seus sentimentos de brasilidade revigorados e retemperados. É que, como êle próprio costuma dizer, nunca se é suficientemente brasileiro se não se é suficientemente português. Eis por que fizemos questão de pôr em total evidência aquêlê fator que está na base da sua *História da Língua Portuguesa*. Só o acendrado amor à língua pátria, à pequena casa lusitana, à terra e à gente do Brasil pode explicar o milagre que multiplicou as forças do Prof. Serafim da Silva Neto, permitindo-lhe, mercê da Providência, levar a bom têrmo a gigantesca tarefa que se propôs.

Dando notícia da conclusão dessa obra ímpar na bibliografia filológica em língua portuguesa, nada mais pretendemos senão saudar na pessoa do Prof. Serafim da Silva Neto a grandeza de uma geração e a pujança de uma Pátria que não se esgota no renascer constante de filhos ilustres que a exaltam e a imortalizam.

SÍLVIO ELIA

* * *

EUGENIO COSERIU, *Sincronía, Diacronía e Historia* (El Problema del Cambio Lingüístico), Montevidéu 1958, publicação da Faculdade de Humanidades e Ciências da Universidade da República, 164 pág.

Mais de uma vez já tivemos oportunidade nesta Revista de nos ocuparmos com os trabalhos do prof. E. Coseriu que, na Faculdade de Letras da vizinha República do Uruguai, tanto se vem distinguindo com aprofundados estudos sôbre a natureza e metodologia da ciência da linguagem. Na análise que ora dá a lume — *Sincronía, Diacronía e História* —, apresenta síntese vigorosa e segura do seu pensamento lingüístico, através de meditações sôbre as novas atitudes assumidas em face do fenômeno glótico pelos mais recentes pesquisadores.

Como se sabe, a Lingüística irrompeu como ciência no século passado e, em curto prazo, se converteu numa disciplina das mais ricas de resultados e ensinamentos. Mas tudo se fizera ao sôpro do positivismo, explícito ou implícito, avêso a teorizações que não transcendessem o horizonte das comprovações factuais. Ao amplo desenvolvimento da Lingüística como ciência não correspondeu, portanto, uma análise crítica de suas posições de base, de forma que o campo foi deixado livre aos amadores.

A primeira tomada de consciência da acuidade do problema se fêz com de Saussure que, lançando-se na Lingüística Geral, discutiu com autoridade a estrutura mesma do fato lingüístico e apresentou

soluções ainda hoje válidas e insubstituídas. Por certo os fundamentos racionais do fenômeno glótico sempre encontraram eco no espírito de verdadeiros pesquisadores, principalmente alemães, mas o momento não era oportuno para uma troca de rumos, nem os fatos coligidos permitiam uma síntese como a que iria delinear de Saussure.

Curiosamente, de Saussure não tinha mentalidade filosófica, mas ainda científica. O que lhe caracterizava o espírito era, se assim nos é lícito exprimir, uma genial visão didática da ciência da linguagem. As suas distinções procuraram situar metodologicamente as pesquisas lingüísticas e a primeira grande tarefa que se impôs foi separar o que era especificamente lingüístico do que só por acidente lhe pertencia. Daí a grande novidade que realmente trouxe para o terreno da ciência da linguagem: a primeira classificação lingüística dos fatos lingüísticos.

O seu primeiro cuidado foi distinguir língua de linguagem e dar preferência à primeira. Isto decidiu tudo o mais: *il faut se placer de prime abord sur le terrain de la langue et la prendre pour norme de toutes les autres manifestations du langage.*

Assim de Saussure julgara prevenir o escolho de misturar lingüística com psicologia, fisiologia, etnografia, filologia, gramática normativa etc. Esta é a parte da Lingüística Externa que de Saussure distingue nitidamente da Lingüística Interna, a "verdadeira" Lingüística. E o que a esta especifica é a noção de sistema: *est interne tout ce qui change le système à un degré quelconque.*

Com essas palavras singelas de Saussure estabeleceu uma das vigas mestras da Lingüística moderna: a noção de sistema. A Lingüística estuda a *língua* e a língua é um *sistema*. Cabe perguntar: mas um sistema de quê? De Saussure responde: de *valôres*. É um sistema de equivalência entre coisas de ordens diferentes: um *significado* e um *significante*.

De Saussure ainda vai mais longe: a Lingüística é um sistema de puros valôres: *la langue est un système de pures valeurs que rien ne détermine en dehors de l'état momentané de ses termes.*

Na Economia (ciência que, segundo de Saussure, mais se aproxima da Lingüística) não se trata de puros valôres; mas na Lingüística não há lugar para os dados de ordem natural. O valor, como acabamos de ver, depende unicamente do "estado momentâneo dos termos".

Destarte cumpre estudar separada e rigorosamente, por assim dizer, o sistema de valôres e os valôres do sistema, ou seja, os valôres como valôres e os valôres como elementos. Daí a necessidade de duas Lingüísticas, que de Saussure chamou respectivamente *sincrônica* e

diacrônica. Mas se, para de Saussure, a verdadeira Lingüística era a interna e não a externa, também não será difícil perceber que, dentro de sua perspectiva metodológica, a Lingüística propriamente dita será a sincrônica: *il est évident que l'aspect synchronique prime l'autre, puisque pour la masse parlante il est la vraie et la seule réalité. Il en est de même pour le linguiste: s'il se place dans la perspective diachronique, ce n'est plus la langue qu'il aperçoit, mais une série d'événements qui la modifient.*

Portanto, depois de distinguir entre *langue* e *parole*, dando primazia àquela sobre esta, de Saussure bifurca a *langue* entre *sincronia* e *diacronia* e ainda aqui dá preferência à primeira. É que a sincronia está toda dentro da *langue*, ao passo que a diacronia ainda mantém ligação com a *parole*: *tout ce qui est diachronique dans la langue ne l'est que par la parole.*

O estudo sincrônico da língua se confunde, pois, com o estudo dos valores do sistema. Tais valores são sempre *signais*, porquanto, servindo para o intercâmbio do pensamento (*pensée*), é por meio de sinais que a língua cumpre a sua finalidade. O sinal, de sua parte, é sempre bifronte, isto é, associa um significante (imagem acústica) a um significado (conceito). Mas tanto a parte conceptual do valor, como a sua parte material, diz de Saussure, são constituídas de relações e de diferenças com os outros termos da língua. As suas famosas palavras sobre os fonemas (entidades opositivas, relativas e negativas) também se aplicam ao conceito. E' que a língua não se confunde nem com o puro pensamento (objeto da Psicologia), nem com o som oral (objeto da Fonética). A Lingüística trabalha no terreno limítrofe em que os elementos das duas ordens se combinam: *cette combinaison produit une forme, non une substance.*

Essa combinação de elementos das duas ordens tem, para de Saussure, qualquer coisa de "misterioso": *Il n'y a donc ni matérialisation des pensées, ni spiritualisation des sons, mais il s'agit de ce fait en quelque sort mystérieux, que la "pensée-son" implique des divisions et que la langue élabore ses unités en se constituant entre deux masses amorphes.*

A "pensée-son" comporta, pois, subdivisões, e podemos dizer que a menor dessas divisões é o sinal. Sinal ou valor são denominações equivalentes para designar o que é "funcional" em determinada língua. Tais valores, como já vimos, são puras relações e de Saussure insiste neste ponto: *dans la langue il n'y a que des différences. Bien plus: une différence suppose en général des termes positifs entre lesquels elle s'établit; mais dans la langue il n'y a que des différences sans termes positifs.*

E pouco adiante: *Dans la langue, comme dans tout système sémiologique, ce qui distingue un signe, voilà tout ce qui le cons-*

titue. C'est la différence qui fait le caractère, comme elle fait la valeur et l'unité".

Fazer a descrição de um estado de língua é fazer "gramática" e, para de Saussure, a gramática também deve ser estudada segundo dois eixos: o *sintagmático* e o *associativo*. No eixo sintagmático as relações se estabelecem *in praesentia*, entre o que precede e o que segue; no eixo associativo, as relações se estabelecem *in absentia*, entre termos que se associam na memória, não na frase.

A distinção coincide *grosso modo* entre *sintaxe* e *morfologia*. Mas nem tudo que é sintagmático é sintático (*reler*, p. ex., é fato que se estuda na formação de palavras e, no entanto, pertence à sintagmática), assim como nem tudo que é associativo é morfológico (a associação pode incidir sobre analogia de significados). Hjelmslev iria falar em *sintagmática* e *paradigmática*.

As idéias de de Saussure, com o tempo, foram penetrando cada vez mais no campo da Filologia Moderna, de sorte tal que hoje já se fala correntemente numa *Linguística pós-saussuriana*. O *Cours de Linguistique Générale* tornou-se um breviário das novas concepções glotológicas, que é preciso ler e rever periodicamente, pois, de cada leitura, se recolhe quase sempre uma idéia nova que havia ficado esquecida naquele mealheiro por assim dizer inesgotável.

Tomar as idéias de de Saussure, repensá-las de acôrco com diretrizes filosóficas seguras e experimentadas pela dialética dos homens e dos tempos, confrontá-las com os atuais progressos da ciência da linguagem e com as novas doutrinas que procuram interpretar os fatos da linguagem e situá-los no conjunto dos conhecimentos humanos, eis uma tarefa de fôlego que estava à espera de quem fôsse capaz de empreendê-la e levá-la a bom termo. Foi o que teve a boa inspiração de fazer o prof. Eugênio Coseriu, presenteando-nos com este livro, a mais completa e profunda análise que até hoje se fez sobre as idéias cardeais do *Curso de Linguística Geral*.

* *

Nas págs. 8 e 9, o prof. Coseriu passa a enumerar o propósito do trabalho. Apresenta oito itens, dois dos quais são os seguintes: mostrar que a antinomia *sincronia-diacronia* não pertence ao plano do objeto e sim ao plano da investigação e — segundo — mostrar que não há contradição alguma entre "sistema" e "historicidade".

Afirmações à primeira vista nitidamente anti-saussurianas, mas que se atenuam bastante em face do desenvolver-se do pensamento do prof. Coseriu nas páginas seguintes. De fato, o mestre da Faculdade de Montevideu distingue a seguir entre *língua abstrata* (que

não se deve confundir com língua "real") e *língua concreta* e observa mui justamente que o que não muda é a língua abstrata e não a língua concreta. Na mesma página, acrescentará: "*Tampoco cambia la lengua en la consideración sincrónica*", afirmação que devemos aproximar daquela de B. Malmberg, transcrita na pág. 7: uma língua que evolui é uma *contradictio in adiecto*, "bien entendu si nous comprenons par la langue un système dans le sens strict de ce terme".

Realmente só nesse sentido, enquanto sistema, é que a língua não evolui. Enquanto estado de língua real, como diz muito bem o prof. Coseriu, é sempre resultado de outro estado anterior.

Por sistema deve entender-se precisamente aquela projeção da língua sobre um plano e não a própria língua, pois nessa projeção se abandona tudo que não pertence à economia interna do sistema, ou seja, tudo que não possua caráter funcional.

Exato, parece-nos, dizer que a distinção entre sincronia e diacronia se situa no plano do sujeito e não do objeto. Relembremos aqui o próprio de Saussure: "Bien loin que l'objet précède le point de vue, on dirait que c'est le point de vue qui crée l'objet, et d'ailleurs rien ne nous dit d'avance que l'une de ces manières de considérer le fait en question soit antérieure ou supérieure aux autres" (pág. 23).

Onde nos pareceu excessivo o prof. Coseriu foi nestas afirmações: "Así, pues, la antinomia saussureana, erróneamente trasladada al plano del objeto, no es otra cosa que la diferencia entre descripción e historia, y en este sentido ella nada tiene de saussureano, salvo la terminología, y no puede suprimirse ni anular-se, porque es exigencia conceptual" (pág. 11).

Aceita, portanto, o prof. Coseriu a distinção entre sincronia e diacronia, mas como "exigência conceptual" e não como decorrência dos ensinamentos lingüísticos de de Saussure.

Cremos que de Saussure, até certo ponto, também via as coisas assim; não são as línguas que são sincrônicas e diacrônicas, mas sim a Lingüística. Entretanto não se trata apenas das duas perspectivas tradicionais, descrição e história, aspecto estático e dinâmico. A Lingüística sincrônica não se limita à tarefa de descrever um estado de língua; o seu ofício é mais especializado: descrever um estado de língua enquanto sistema. E, nesse sentido, cremos, é verdadeiramente saussuriana.

O próprio prof. Coseriu viu com clareza tais fatos. "A pergunta acêrca da história é essencialmente distinta da pergunta acêrca da estrutura de um objeto", dirá na pág. 13. E pouco abaixo acrescentará: "De Saussure, ao contrário, advertiu claramente a diversidade dos dois pontos de vista, e foi isso que o levou à concepção estru-

tural da língua e a uma justa e muito acertada reavaliação da descrição sistemática”.

Mais certas parecem-nos outras críticas do prof. Coseriu. Por exemplo a que se refere ao sinal lingüístico. Sem a menor dúvida “no *De Magistro* de Santo Agostinho... e em João de Santo Tomás teria podido (de Saussure) encontrar elementos para uma teoria do sinal muito mais sutil e sólida do que a fundou sobre o duplo equívoco de arbitrariedade”.

Outro ponto em que é lícito apresentar restrições ao prof. Coseriu é aquele em que fala nas “estranhas equivalências *fala-diacronia, língua-sincronia*” (pág. 14), pois de Saussure colocou a ambas, sincronia e diacronia, no âmbito da língua (v. pág. 139 do CLG, 3.^a ed. francesa). É verdade que “rien n’entre dans la langue sans avoir été essayé dans la parole” e por isso, como dissemos, a diacronia não se desprende de todo da “parole”.

Mas se de Saussure no *Cours* não se ocupa com a “lingüística da parole”; no entanto, lá está, em muitas páginas, a “lingüística diacrônica”. É que esta pertence à *langue* e não à *parole*.

O prof. Coseriu remete para a pág. 172 da edição espanhola, onde se lê “tudo quanto é diacrônico na língua só o é pela *parole*”. Contudo daí não se pode inferir a “equivalência” *fala-diacronia*, pois a fala é apenas o primeiro momento da inovação e, como tal, simples “tentativa”. O segundo momento, “idêntico exteriormente”, é o da aceitação pela comunidade, e aquele em que o “ensaio” individual se transforma no “fato de língua”. Por isso parece-nos mais exato falar em “dependência” (pelo menos quanto ao primeiro momento) da diacronia em relação à *parole* do que em “equivalência”.

Muito aguda e pertinente é a crítica ao conceito de “fato social” em Durkheim. Devia ser lida e meditada por quantos se ocupam com problemas sociológicos. O próprio Meillet não escapou à segurança do raciocínio coseriano. De fato, dizer que a observação de que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam é “sans portée” constitui real desconhecimento do valor das ciências do espírito. Ou, nas palavras do prof. Coseriu, “desde un punto de vista más general, hay que observar que, en las ciencias del hombre, aquello que se presenta a la conciencia con carácter de *evidencia*, lejos de poder desecharse como “sans portée”, debe tomarse como base de la investigación” (pág. 23). Neste ponto, como em muitos outros, Meillet se opõe francamente a Bréal, conforme assinalou o prof. Coseriu.

Da maior importância é a distinção aristotélica de uma atividade *kat'énérgian*, *katà dy'namin* e *kat'érgon*, que o prof. Coseriu aplica à linguagem. Cada uma delas ainda pode ser considerada sob três

aspectos: enquanto *particular*, enquanto *universal* e enquanto *histórica* (pág. 25).

Deve-se observar ainda que *enérgeia* é uma atividade como tal; *dy'namis* é uma atividade em potência; finalmente, *érgon* é atividade realizada. Temos, pois:

O falar, isto é, a atividade lingüística, enquanto *enérgeia* é, no sentido universal, simplesmente o *falar*; no sentido particular é o *discurso* de tal indivíduo em tal ou qual oportunidade; no sentido histórico, é a *língua concreta*, ou seja, um modo de falar peculiar de uma comunidade.

Enquanto *dy'namis*, o falar é: no sentido universal, a faculdade da linguagem; no sentido particular, a faculdade de usar da linguagem em determinado momento da vida individual; no sentido histórico, é o saber falar segundo a tradição de uma comunidade, ou seja, o *acervo idiomático*.

Enquanto *érgon*, o falar é: no sentido universal, (ou seja) a totalidade dos textos; no sentido particular, é justamente o *texto*; no sentido histórico, se identifica novamente com a língua como acervo idiomático, o que significa, pondera acertadamente o prof. Coseriu, que a língua nunca é propriamente *érgon*. (pág. 26).

Na conhecida oposição atualizada por Humboldt entre *érgon* e *enérgeia*, acentua o prof. Coseriu que há necessidade de ter de *enérgeia* exato entendimento. E então acrescenta, com muita felicidade, que "a linguagem não se define satisfatoriamente quando se diz que é a atividade que *emprega* sinais (já feitos): cumpre defini-la como "atividade *criadora* de sinais".

O conceito do falar como *enérgeia*, assinala o prof. Coseriu, não se choca com o conceito de língua como sistema, pois, observa, não há nada de contraditório numa "atividade sistemática" (pág. 29). Cumpre, entretanto, distinguir entre o que é *oposicional* ou *funcional* (sistema) e o que é simplesmente *normal* ou *comum* (norma). Assim, em espanhol, o *e* de *papel* é aberto e o de *queso* é fechado, muito embora no sistema fonológico espanhol não haja distinção opositiva entre esses dois *és*. "O *sistema* é "sistema de possibilidades, de coordenadas que indicam os caminhos abertos e os caminhos fechados" de um falar "compreensível" numa comunidade; a *norma*, em troca, é um "sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente; não corresponde ao que "pode dizer-se", mas ao que já se disse e tradicionalmente se diz na comunidade considerada" (pág. 31).

A propósito do tema central do livro — a transformação (câmbio) lingüística —, distingue o prof. Coseriu muito acertadamente (e isto é uma das contribuições fundamentais do seu trabalho) entre a) o problema *racional* da transformação (por que se alteram as lín-

guas?, isto é, por que não são imutáveis?; b) o problema *geral* das transformações que, como irá mostrar, não é um problema “causal” e sim “condicional” (em que condições costumam ocorrer alterações nas línguas?); e c) o problema *histórico* de tal transformação determinada.

A respeito, comenta o prof. Coseriu: “Um dos erros que mais afligem a Lingüística — e que também procede do considerar as línguas como “coisas” e da confusão entre ciências do homem e ciências da natureza — é o querer reduzir os problemas teóricos (racionais) a problemas meramente “gerais”. No caso da mudança lingüística, êsse erro consiste em crer que o problema da *mutabilidade* das línguas se resolve encontrando a “causa”, ou tôdas as pretendidas “causas”, das muitas transformações particulares” (pág. 38).

Ao tratar do problema da racionalidade da transformação lingüística (cap. III), insiste o prof. Coseriu em que não se trata de um problema condicional da mudança lingüística. Pode-se dizer que o problema já estava resolvido quando se conceituou a linguagem como enérgeia e não como érgon. E’ que a linguagem é uma “atividade” e não uma “coisa”. Nessas condições, as línguas, produtos do falar, têm estabilidade, ditada por condições de ordem social, mas não possuem imutabilidade, porque isso seria contrário à essência da linguagem, que, como vimos, é atividade. “O falar”, diz o prof. Coseriu, “é atividade criadora, livre e finalista, e é sempre novo, enquanto se determina por uma finalidade expressiva individual, atual e inédita” (pág. 39).

Essa atividade livre e criadora, quando se realiza, se determina por duas espécies de fatores: os psicofísicos da realização fônica e os finalistas da intencionalidade expressiva.

No primeiro grupo se coloca, p. ex., o desajuste entre o caráter global da imagem fônica e o caráter “linear” da realização fônica, de onde as metáteses e as assimilações regressivas; a inércia dos órgãos da fonação, motivo da aparição de sóidos epentéticos, de assimilações progressivas, e, sobretudo, a assimetria do aparelho fonador. Note-se que tôdas as determinações psicofísicas *podem* ser motivo de “alteração”, mas não podem ser motivo de “transformação” (cambio). E’ que “los fenómenos específicamente humanos no se determinan por la fisicidad más de lo que el hombre consiente. En el hombre lo cultural y la finalidad superan constantemente lo biológico y la necesidad, y el hablar no hace excepción en este sentido. En el hablar la alteración “fisiológica” se reprime y se delimita estrictamente por e lsaber lingüístico y por la funcionalidad (pág. 42).

Quanto às determinações finalistas, distingue o prof. Coseriu (pág. 43) entre a *finalidade expressiva* e a *finalidade comunicativa*, isto é, entre o *dizer alguma cousa* e o *dizer alguma cousa a alguém*.

Para o prof. Coseriu a essência da linguagem se dá no diálogo (pág. 40). Por que não a essência da língua? Embora não se possa identificar singelamente linguagem e arte, não há dúvida de que, no seu momento criador, linguagem e arte são uma só coisa. A diferença é acidental e está no material empregado (a côr, o som, a palavra como érgon). Poder-se-ia dizer que a essência da pintura, p. ex., está no diálogo com o espectador? Ou ela antecede êsse diálogo e o provoca? Há, sem dúvida, um diálogo potencial, por assim dizer, mas que decorre da unidade da natureza humana. De qualquer forma, no momento criador, o que predomina é a expressão, ou seja, a face lírica da linguagem.

Nas págs. 44 e 45, distingue o prof. Coseriu entre *inovação* e *adoção*. A inovação é um "hecho de habla", porquanto pertence à utilização da língua; já a adoção é um "hecho de lengua", pois pertence ao aprender a língua. Distinção capital, dado que "el problema del cambio lingüístico, reducido a sus términos mínimos, es, pues, el problema mismo de la adopción" (pág. 46). Dessa distinção devem-se aproximar os dois momentos de inovação apresentados por de Saussure (v. pág. 173 do CLG, ed. esp.).

Por que, das muitas inovações que se dão no falar, somente algumas se adotam e se difundem? Êsse, e não o das inovações, é o problema fundamental da transformação lingüística (V. nota 31 da pág. 47).

O prof. Coseriu responde que é porque a adoção é sempre uma seleção que decorre de uma necessidade expressiva, que pode ser cultural, social, estética ou funcional (pág. 49). Em suma, a adoção é "um ato de cultura, de gôsto, e de inteligência prática" (pág. 50).

Não aceita o prof. Coseriu a afirmação de Vossler de que o câmbio fonético seja uma "soma de desajustes mínimos, inadvertidos, mecânicos" (nota 32 da pág. 18), ou a de H. Paul de que a chave das transformações "inadvertidas" pelos falantes está no fato de que a variação de pronúncia dentro de certos limites não se percebe, ou ainda a de Gauchat de que o primeiro falante que pronunciou de um modo novo não foi notado (nota 35 da pág. 49).

Que a adoção é um ato de cultura, ninguém irá contestar. Mas a inovação fonética pode consistir num ato mecânico, sem valor funcional, e, nessas condições, "inadvertido". Acrescente-se que a inovação como tal só se dá retrospectivamente, isto é, depois que percorreu o itinerário que vai da inovação à adoção. Por outras palavras: a inovação que não chegou à fase da adoção também não foi inovação. A soma de desajustes mecânicos de ordem fônica torna-se consciente quando atinge o sistema. Se a inovação fôr sentida como afuncional ou incorreta, diz o prof. Coseriu (pág. 49), é pouco provável que seja aceita.

Exemplifiquemos com um fenômeno fonético bastante conhecido dos que se têm ocupado com o português popular do Brasil: a passagem do fonema /lh/ a /y/, tipo *molhado* > *moiado*.

O ponto de partida da transformação — é lícito afirmá-lo — não foi sentido pelos falantes. Gradativamente foi que se passou de /lh/ a /y/. Mas, em certo sentido, o ponto de chegada também continua “inconsciente”, pois os que assim se expressam não sabem que provocaram essa alteração na imagem fônica da palavra. Em outro sentido, porém, o fenômeno tornou-se consciente, pois que houve identificação subjetiva entre dois fonemas anteriormente diferentes. Note-se ainda que o sistema como tal não foi atingido, porquanto não se criou uma oposição nova. Apenas criaram-se novas homônimas, *teia* (de *teia* e de *telha*). Nas classes cultas, porém, a inovação não teve “prestígio” para penetrar. A adoção, portanto, se deu num círculo social e não se deu em outro. E’ que num, houve “consciência” do desvio; em outro, a camada popular, não.

A passagem de /lh/ a /y/ se deu, assim, em grandes áreas do território lingüístico brasileiro. E’ o que se costuma chamar uma “lei fonética”, de cuja regularidade ou generalidade passa a tratar o prof. Coseriu.

Distingue o prof. Coseriu entre generalidade *extensiva* e generalidade *intensiva*, pois não fazê-lo “é o equívoco fundamental de todo o problema das leis fonéticas” (pág. 51). A generalidade extensiva, ou simplesmente “generalidade” é a generalidade do “discurso” de todos os falantes do grupo. A generalidade intensiva, ou “regularidade” é a que se dá em tôdas as palavras que contêm o fonema ou grupo atingido pela transformação.

A generalidade extensiva decorre da “difusão de uma inovação” e depende de um particular processo histórico, que se pode realizar ou não. A generalidade extensiva não tem, pois, nenhuma universalidade, e, nesse sentido, a lei fonética representa uma comprovação histórica, particular e a posteriori.

A generalidade intensiva é um modo articulatorio, uma nova possibilidade expressiva que se vem inserir no sistema de modos fônicos conhecidos pelo sujeito falante. “Se a inovação adotada atinge um fonema, ela se adota (como possibilidade) para o mesmo fonema em qualquer palavra e em qualquer posição; e se atinge um fonema em um nexa ou em uma posição determinada, adota-se em tôdas as palavras que contenham o mesmo fonema no mesmo nexa ou na mesma posição” (pág. 53).

Dentro dessa perspectiva, traz certamente o prof. Coseriu luz nova para o correto entendimento do famoso problema da natureza das leis fonéticas, tão controvertido a partir da clássica definição de que atuam sem conhecer exceção (*Ausnahmslosigkeit*). Como gene-

ralidade intensiva, como “modo articulatório” não pode ter caráter geral, “pôsto que a articulação é individual; mas é desde o comêço “regular”, porque é único”. E ajunta o prof. Coseriu:

“O fato de significar a lei fonética um câmbio articulatório implica a sua “regularidade” (sua aplicação em tôdas as palavras que contêm o modo substituído); mas não implica sua “generalidade”, que só pode resultar da interação entre as atividades lingüísticas individuais. Um modo fônico novo não aparece simultâneamente em tôdas as palavras “feitas” da língua abstrata (o que é racionalmente impossível, já que nada ocorre nesse plano), nem se “difunde” de uma palavra a outras, mas se adota *para fazer* palavras futuras” (págs. 54-5). Destarte, a lei fonética “em se umomento absoluto, pertence a um plano primário de possibilidades e não ao plano dos resultados históricos e das tradições fixadas” (pág. 57). Por isso, “dizer que uma transformação fonética “admite exceções” — que não se comprova em tôdas as palavras em que “deveria ter ocorrido” — justifica-se do ponto de vista dos resultados históricos” (pág. 57).

Daí não se infira que o prof. Coseriu desestima as leis fonéticas. Ao contrário. “O princípio metodológico de tomar a “lei fonética” como base e de explicar as “exceções” é, portanto, fundamentalmente certo. Com efeito, do ponto de vista do falar, a “lei fonética”, como foi interpretada aqui, tem caráter primário: dá-se na criação mesma de um modo fônico novo, ao passo que as “exceções” pertencem à fase secundária de “seleção” (pág. 60).

A questão das leis fonéticas ganhou, neste trabalho do prof. Coseriu, contornos teóricos como, a nosso ver, até então não se lhe haviam dado.

Na pág. 52, tinha o prof. Coseriu aludido a uma questão que, do ponto de vista metodológico, se nos afigura capital: a do caráter circular do próprio método histórico-comparativo, pois as “leis fonéticas”, tais como as tem aplicado a Lingüística moderna não tem outra origem. Transcrevamos um trecho expressivo:

“Por conseguinte, dizer que as “leis fonéticas atuam sem exceção no mesmo dialeto” (*innerhalb desselben Dialektes*) é um círculo vicioso. Com efeito, isto significa que primeiro se determina um dialeto pela comprovação da homogeneidade interindividual de certos fatos lingüísticos — entre os quais também os resultados de várias transformações fonéticas — e logo depois se afirma que essas transformações fonéticas ocorrem sem exceção no dialeto determinado graças a elas”. E, em nota ao pé da página, o prof. Coseriu observa que Schuchardt já havia percebido tal círculo vicioso.

Em *Lingüística e História Literária* Spitzer chamara a atenção para o *Zirkel im Verstehen*, descoberta do erudito e teólogo romântico

Schleiermacher, segundo a qual em Filologia o conhecimento não se alcança somente pela progresso gradual de um a outro detalhe, mas pela antecipação ou adivinhação do todo (V. *Linguística e História Literária*, Editorial Gredos, Madri 1955, pág. 39 e segs.).

Spitzer cita precisamente como exemplo o conceito de línguas românicas, tal como o formulara Diez, pois foi graças a êsse círculo filológico que o sábio alemão conseguiu situar-se no centro do fenômeno e ter uma visão integral do conjunto, antes de analisá-lo metódicamente. Trata-se de um conhecimento circular que não é necessariamente vicioso, a não ser na medida em que deixa de ser conhecimento. Como diz Spitzer: "O processo que consiste em passar dos detalhes externos ao centro íntimo e vice-versa não é em si mesmo necessariamente vicioso" (pág. 41, em nota).

No capítulo seguinte, ocupa-se o prof. Coseriu com o problema *geral* das transformações, que é radicalmente distinto do problema *universal* de tais transformações. Até aqui se tinha o prof. Coseriu voltado para o problema da racionalidade do câmbio, que é universal. Agora o solicita outra questão: "Se as línguas são mutáveis em virtude da sua própria natureza, quais as causas particulares que, historicamente, são responsáveis por essas transformações?" A pergunta a que cabe responder não é *porque* as línguas são mutáveis e sim *porque se deram estas ou aquelas* transformações determinadas. A rigor não se trata de encontrar as "causas" das transformações linguísticas e sim as "condições" em que a liberdade de falante teve de operar para obter tais ou quais resultados.

Essas condições costumam ser divididas em *internas* e *externas*. Todavia, observa o prof. Coseriu, os fatores externos só o são em segundo grau, isto é, como determinantes do estado do saber linguístico interindividual, êste sim, responsável pela direção dos câmbios linguísticos. O mesmo diz o prof. Coseriu da famosa estrutura da sociedade de Meillet, invocada como razão última da mudança linguística. O prof. Coseriu redu-la, com toda razão, ao fator cultural, ou seja, a um fator indireto na evolução linguística.

Prefere o prof. Coseriu distinguir entre fatores *sistemáticos* e *extrassistemáticos*, separando ainda em ambas as categorias os fatores *permanentes* dos *ocasionais*.

"É "sistemático" tudo aquilo que pertence às oposições funcionais e às realizações normais de uma língua: a seu sistema funcional e normal. É "extrassistemático" (mas não "externo") tudo aquilo que se refere à variedade do saber linguístico numa comunidade falante e ao grau dêsse saber, ou seja, ao vigor da tradição linguística" (pág. 65).

Não se conclua daí que a língua é causa de suas próprias transformações. Estamos aqui, por assim dizer, no domínio da causalidade

segunda, ou do condicionamento de fatores. Em sentido absoluto, a causalidade reside no espírito humano do falante, que é o portador da liberdade criadora. A causa é espiritual, dizemos nós, e as condições são culturais e funcionais, como assinala o prof. Coseriu.

Como condições funcionais que possibilitam a mudança, o prof. Coseriu aponta as variantes facultativas e os modos isofuncionais; como condições culturais, as formas esporádicas e os chamados erros correntes. Note-se que tais "condições", do ponto de vista diacrônico já representam mudanças.

Detém-se a seguir o prof. Coseriu no exame dos vários tipos de "condições" que possibilitam o câmbio, ora fazendo observações lúcidas e de interesse prático, ora apresentando exemplos bastante ilustrativos. Focalizaremos um ensinamento, que se encontra na pág. 79.

Como se sabe, o "uso freqüente" tem sido alegado em Filologia ora para explicar a conservação, outras vezes para justificar a mudança. Diz o prof. Coseriu:

"Um desajuste análogo se dá entre norma e sistema do ponto de vista "intensivo": no *distintivo* (fônico) predomina o sistema; no *significativo*, e particularmente no gramatical, a norma. E também isto implica duas conseqüências de ordem geral: no fônico, costumam permanecer não atingidas pelas transformações as formas de pouco uso (p. ex., as próprias dos ambientes doutos); no gramatical, ao contrário, costumam manter-se normas antigas (p. ex., verbos "irregulares") precisamente nos elementos mais correntes, mais bem "sabidos".

Em fonética histórica, p. ex., dizemos que certas formas não se alteraram muito por serem semi-eruditas (*dino* ao lado de *lenho*), isto é, de escasso emprêgo nas classes populares. Por outro lado, apelamos para o emprêgo freqüente de formas irregulares (como o pres. do ind. de *sum*) para justificar igualmente que se tenham conservado (em vez de terem sido substituídas por formas analógicas, mais "sistemáticas").

Os fatores sistemáticos e culturais funcionam, pois, em relação ao câmbio, como *selecionadores* das inovações. (pág. 79) E resume o prof. Coseriu:

"Sendo a língua um sistema funcional, modifica-se sobretudo nos "pontos débeis", quer dizer, ali onde o próprio sistema não corresponde eficazmente às necessidades expressivas e comunicativas dos falantes; mas as modificações "necessárias" acham seu limite na segurança da tradição; uma norma cultural vigorosa pode manter indefinidamente até um sistema "desequilibrado" (pág. 80).

No capítulo seguinte, o quinto, estuda o prof. Coseriu a transformação lingüística como problema histórico.

Este problema se relaciona com o anterior. No capítulo IV, o prof. Coseriu se ocupara com as condições “gerais” (e não universais) da mudança. Trata-se de um problema empírico. Pois “a explicação “condicional” da mudança lingüística é uma “explicação histórica generalizada”. Esse, aliás, um dos sentidos da Lingüística Geral de Meillet, o seu primeiro momento, como dissemos in *Orientações da Lingüística Moderna*. Nesse capítulo, trata o prof. Coseriu do aspecto “particular” da mudança como problema histórico.

A inovação inicial específica, observa o prof. Coseriu, só se pode estabelecer hipoteticamente, pois que a inovação só se torna “visível” depois de adotada por vários indivíduos. Os casos documentados de inovação individual são raros, mas não deixam de ser altamente significativos, comenta com tóda a razão o prof. Coseriu, que remete para Migliorini, *The Contribution of the Individual to Language*, Oxford, 1952 e para Jespersen *Mankind, Nation and Individual*, pág. 33. Tal dificuldade é somente empírica e jamais de natureza teórica ou individual. Demais, conforme diz excelentemente o prof. Coseriu, “essa impossibilidade empírica não permite inferir que a transformação tenha podido começar de outra maneira que não fôsse um ato criador individual. A idéia de criações “anônimas, coletivas e impessoais é metáfora de alguns românticos que, lamentavelmente, se tem interpretado a miúdo no sentido próprio, sobretudo pelas derivações menores da ideologia romântica, inclusive pelo positivismo” (pág. 85).

Mas, como ainda adverte o prof. Coseriu, “o que costumamos ignorar em cada caso é um fato histórico *punctual* e não uma “razão” de ordem geral” (pág. 85). Quer dizer, não sabemos “de onde” partiu a inovação, mas, com os dados de que dispomos, poderemos aventar hipóteses sobre as “causas” que a teriam provocado.

Na perquirição dessas causas, o prof. Coeriu aproveita para desfazer alguns equívocos. Assim repele as chamadas “explicações fisiológicas”, pois tais “explicações” apenas descrevem fisiologicamente o fenômeno, mas silenciam sobre as “causas” que o geraram. Acrescentamos apenas que alguns autores procuram dar um cunho “geral” às explicações fisiológicas, apelando para a conhecida “lei do menos esforço”. Todavia, no que tem de válida, a lei do menor esforço significa apenas menor resistência em certos pontos do sistema fonológico.

Adverte também o prof. Coseriu que, do ponto de vista histórico, assinalar a natureza das inovações iniciais (alterações, empréstimo, criação sistemática, ou analogia, etc.) não constitui por si só explicação das transformações, a qual há de estabelecer, não como começou determinado modo lingüístico, e sim como se constituiu como tradição.

Como exemplo frisante dá o prof. Coseriu a formação do futuro perifrástico em romance, matéria que foi objeto de artigo que pode ler-se no número III, 1 desta Revista.

No cap. VI, dedica-se o prof. Coseriu a combater as incongruências das explicações causais, que se insinuaram inclusive no estruturalismo diacrônico. Alguns, por ex., chamam causa à tendência para o equilíbrio do sistema. E. Alarcos Llorach considera "causas" os fatores externos (fisiológicos e históricos) e internos (resistência do sistema à mudança). Distingue entre causas extrínsecas (influxo do substrato) e intrínsecas (pontos débeis do sistema). Quase sempre, observa o prof. Coseriu, se confunde o nível da explicação *racional* ou *universal* com o da explicação *geral*.

A "causa única" que tão afanosamente se procura é a liberdade criadora do espírito humano (expressão que, tão explicitamente, não encontramos neste belo trabalho do prof. Coseriu). Agora, para justificar tais e tais criações, temos de determinar o condicionamento funcional ou cultural que a motivou. O erro cardeal está em dar ao termo "causa" um valor fisicista, impróprio das ciências do homem. Mais uma vez tem o prof. Coseriu plenitude de razão, ao insistir na distinção fundamental entre ciências naturais e culturais. Suas palavras são muito sábias a êsse respeito:

"Com efeito, o causalismo se confunde facilmente com o fisicismo, ou seja, com a atitude que considera apenas a fisicidade como "objetiva" e somente as explicações materiais como propriamente "científicas" (pág. 107).

E mais abaixo:

"Mui a miúdo se ouve proclamar a aspiração a transformar as ciências da cultura (entre as quais a Lingüística) em "ciências exatas", entendendo-se por tais as ciências físicas. Porém o certo é que uma ciência não é exata por ser física, mas por corresponder à verdade do *seu* objeto, e êste princípio é o que há que aprender das ciências físicas. As ciências culturais têm seu tipo peculiar de exatidão e o assimilá-las às ciências físicas (que têm outro tipo de exatidão) não significa fazê-las exatas mas, ao contrário, transformá-las em ciências inexatas, quer dizer, em falsas ciências".

Todo êste cap. VI, aliás, pelo alcance dos princípios que encerra, é de capital importância.

Assim é que o prof. Coseriu retoma a profunda distinção de Kant entre o mundo da liberdade e o da necessidade, de onde a natural consequência de uma distinção entre as ciências físicas e as ciências humanas. Pôde destarte escrever: "Nos fenômenos da natureza cumpre, sem dúvida, buscar uma necessidade exterior, ou *causalidade*; nos fenômenos culturais, ao contrário, o que incumbe buscar é uma necessidade interior, ou *finalidade*" (pág. 109-110).

Estranho é que em quem assim tão luminosamente fala, possamos encontrar isto:

“A êsse propósito, cabe salientar que não se trata de opor duas” concepções acêrca dos fatos” — por ex.: “idealismo” (ou, pior, “espiritualismo”) e positivismo — ou dois “pontos de vista” igualmente válidos (ou igualmente discutíveis), mas *duas ordens de fatos* radicalmente distintos”.

Exatamente saber distinguir essas duas ordens é o que especifica o idealista ou espiritualista em face do positivista ou materialista. Que os fatos estejam contra os positivistas e ao lado dos idealistas não prova que não sejam êles idealistas ou positivistas e sim que êstes estão errados e aquêles certos. Demais os *mesmos fatos* podem ser interpretados de maneiras *diferentes*, isto é, a *realidade* não se confunde com a *verdade*; de uma a outra se passa através da interpretação (positivista, materialista, pragmática, espiritualista...). Só num ser que fôsse capaz de assenhorear-se de tôda a realidade esta se confundiria com a verdade. Então êste Ser poderia dizer: “Eu sou a Verdade”.

Hegel, p. ex., julgou que a realidade se iria identificando progressivamente com a verdade e fêz da História a fôrça dialética que iria libertar a humanidade do pêso da ignorância. Sabemos as conseqüências terríveis dêsse mito filosófico.

Diz o prof. Coseriu (pág. 111) que “nenhum agente externo, de nenhuma ordem, pode atuar “sôbre a língua” sem passar pela liberdade e pela inteligência dos falantes”. Acrescenta que “a única causa eficiente (da transformação lingüística) é a liberdade dos falantes”. E mais ainda: “Quando dizemos que a transformação lingüística “não tem causas”, entendemos apenas que não as tem em sentido naturalista, ou seja, que — salvo no que diz respeito à parte material — não tem causas “objetivas”, naturais, exteriores à liberdade. Não nos opomos ao emprêgo do têrmo “causa”, que em si é legítimo, senão ao sentido que se lhe dá e à pretensão de considerar como causas determinantes circunstâncias que não são tais; observamos que na língua um fato qualquer não determina o ser de um fato sucessivo. Julgamos necessário distinguir nitidamente o âmbito da *liberdade* do âmbito da *necessidade*.” (pág. 113-4).

“Os fatos lingüísticos existem porque os falantes os criam *para alguma coisa*, e não são nem “produtos” de uma necessidade física, exterior aos próprios falantes, nem “conseqüências necessárias e iniludíveis” de um estado de língua anterior. A única explicação *própria*mente “casual” de um fato lingüístico novo é que a liberdade o criou com uma finalidade. O mais é explicação de sua origem material e das condições em que atuou a liberdade lingüística dos indivíduos inovadores e adotadores” (pág. 114).

A causa das transformações lingüísticas está, pois, na liberdade dos falantes, isto é, do ser humano. Não depende de determinantes de ordem física. Logo essa causa não é física, não pertence ao mundo fechado da natureza, regido por leis constantes e imutáveis. Então há de existir um outro mundo, aberto, onde sopra a liberdade. Esse mundo, especificamente humano, não-material, é o reino do "espírito", realidade indispensável para que se possam pensar os fatos que escapam ao determinismo das leis físicas. Este é o campo das ciências do espírito (ciências culturais), onde se insere uma dimensão nova, a "temporalidade", que altera permanentemente os dados do problema humano, insolúvel dentro da equação positiva. Só o "sentido" dessa temporalidade pode permitir uma integração dos fenômenos do mundo da liberdade na área do conhecimento científico. Por isso é que, a nosso ver, somente uma Lingüística de inspiração idealista (ou melhor, espiritualista) pode retificar, sem anular, os grandes progressos realizados nesse domínio pela pujante constelação de sábios que, do século XIX para cá, tanto fizeram para impor ao respeito da cultura moderna a ciência glotológica. E é isso o que vem fazendo tão valentemente e quase solitário o prof. Coseriu, graças ao seu saber multiforme e à privilegiada agudeza do seu entendimento.

A conclusão do prof. Coseriu é, portanto, que não há "causas", no sentido naturalista, dos fenômenos lingüísticos e sim uma motivação de ordem finalista... O conceito de "finalidade" é, assim, básico no seu trabalho e vem muito bem analisado neste capítulo VI.

Quanto ao estruturalismo, assinala o prof. Coseriu que "não lhe falta vocação para colocar o problema da transformação" (pág. 118), embora certos ramos dessa corrente se tenham mostrado alheios ao problema. Neste caso se encontram o bloomfieldismo e a Glossemática, mas por motivos diferentes: o 1.º em razão de sua base mecanicista e o 2.º por causa da sua interpretação das línguas como objetos matemáticos e, nessas condições, atemporais (v. nota 51 da página 118).

O problema da finalidade do câmbio lingüístico se encontra, ao contrário, entre os fonólogos da Escola de Praga e, principalmente no ramo francês dessa escola. Todavia o estruturalismo diacrônico confunde o problema empírico geral das mudanças com o problema racional da mutabilidade das línguas e também persiste no erro de falar em causas, no sentido positivista, ao invés de situar o problema das condições e modalidades gerais das transformações. O professor Coseriu rejeita ainda — e muito bem — a explicação "teleológica" que faz decorrer as transformações lingüísticas de obscuras "tendências da língua", por se tratar de explicação mecanicista em que o "determinismo da língua-organismo" é substituído pelo "determinismo da língua-sistema" (v. pág. 129).

Quanto ao problema das *leis gerais* de Meillet, por êste consideradas sempre deficientes, porquanto enunciam possibilidades e não necessidades, contesta o prof. Coseriu dizendo que “as leis genéricas da mudança lingüística são *necessariamente* leis de possibilidades” (pág. 132) e que “as únicas leis necessárias, no caso da linguagem, são as que enunciam uma necessidade racional” (pág. 132). Todavia não aludiu à tentativa do próprio Meillet para encontrar leis de necessidade fora do campo racional ou da lingüística teórica.

O último capítulo tem o mesmo título do livro: *Sincronia, Diacronia e História*. As páginas dêste último capítulo constituem mais uma contribuição para o estudo das teses saussurianas que, inegavelmente, deram um sentido novo à Lingüística do séc. XX.

O pensamento de Saussure, devido em parte ao pouco que deixou sôbre matéria de enorme alcance e profundidade, e em parte também à maneira como o deixou, ao mesmo tempo que abre rumos e clareiras, é motivo de controvérsia e polémicas. A verdade, porém, é que ninguém mais pode deixar de distinguir, p. ex., entre *língua* e *fala* ou entre *sincronia* e *diacronia*. Êsses conceitos podem ser depurados ou tornados mais precisos ou reconduzidos a uma ordenação teórica menos prêsa a prejuízos de momento. Mas ficaram como enquadramento metodológico dos fenômenos lingüísticos e têm possibilitado o desenvolvimento das pesquisas filológicas, como se dá, p. ex., com a Estilística ou com o Estruturalismo.

O prof. Coseriu considera, com muito acêrto, que sincronia e diacronia são apenas perspectivas. Diz assim na pág. 148:

“Em conclusão: de Saussure, preocupado em estabelecer firmemente a sincronia e em distinguir o ponto de vista sincrônico do diacrônico, não adverte que a diferença entre ambos é sòmente de perspectiva e não trata de reconciliá-los”.

De fato, encontramos em de Saussure uma antinomia *real* no que devia ser apenas metodológico. Mas o pensamento de de Saussure, simples, na aparência, é profundo e complexo de fato, de modo que seria possível demonstrar que o mestre genebrino não foi infenso a essa concepção dos *dois pontos de vista*. Apenas “c’est le point de vue qui crée l’objet”...

Essa posição filosòficamente idealista foi que o levou a hipostasiar o seu objeto, de início meramente recorte subjetivo da realidade. Todavia, para quem admita uma realidade substancial do objeto, a distinção saussuriana adquire outra significação.

De Saussure julgou que poderia assim “escolher” a perspectiva e situou-se no plano da *língua*. Mas como o dinamismo da língua, a enérgeia criadora está na fala, deu causa à constituição de uma ciência, a Glossemática, que vê na língua apenas um objeto matemático.

O prof. Coseriu não deseja propriamente uma lingüística da *parole*, mas faz críticas muito justas à concepção da diacronia em de Saussure.

Ao contrário de de Saussure, que tinha as mudanças lingüísticas por fortuitas, cegas, exteriores ao sistema, o prof. Coseriu vê a linguagem como atividade sistemática e as transformações como criadoras de objetos culturais. Por isso as suas críticas mais vivas se dirigem não contra a sincronia e sim contra a diacronia saussurianas. Daí concluir peremptoriamente:

“Assim, pois, a sincronia saussuriana (salvo em sua pretensão de ir mais além do descritivo) é perfeitamente legítima e necessária, e constitui a verdadeira contribuição positiva de de Saussure à Lingüística; ao contrário, sua diacronia é inteiramente ilegítima. Por isso, não há que cogitar sequer de “conciliar” a diacronia com a sincronia: há que negar a diacronia saussuriana. A diacronia pura não tem sentido e deve transformar-se em história da língua. Com efeito, a história da língua supera a antinomia entre sincronia e diacronia porque é negação da diacronia atomista e, ao mesmo tempo, não se acha em contradição com a sincronia”.

Não sabemos até que ponto conseguimos dar ao leitor uma idéia da importância e da seriedade deste livro capital para o estudo das teses saussurianas. Acrescentaremos, apenas, para concluir, que é trabalho para leitura e meditação, cheio de ciência e sabedoria, substancialmente informado no que diz respeito aos novos rumos do pensamento lingüístico contemporâneo e sobre o qual muito teria ainda que dizer, se não me falecessem maior disponibilidade de tempo e maiores credenciais. Outros, porém, e melhor, o farão por mim.

SÍLVIO ELIA

* *

Sérgio Buarque de Holanda, *Caminhos e Fronteiras*, Livraria José Olímpio Editôra. Rio, 1957.

A elegância do escritor que sabe dizer a sua mensagem, a seriedade dos estudos e uma capacidade de encontrar no material esparso o traço unificador que permite reuni-lo para esclarecer momentos de nossa evolução, estão presentes e vivos de novo, neste “CAMINHOS E FRONTEIRAS”.

O livro está dividido em três partes: “Índios e Mamelucos”, em que se grupam os estudos que dizem respeito à conquista do sertão,